EUROPA

Espanha paralisada por moradia

Protestos contra a disparada nos aluguéis e a alta do custo de vida levam milhares às ruas nas principais cidades espanholas, na primeira greve geral convocada em 14 anos. País vai às urnas dentro de duas semanas

Jorge Guerrero/AFP



Manifestantes enfrentem a chuva, em Madri, para protestar contra a alta dos aluguéis e do custo de vida: eleições antecipadas no fim do mês

A pouco mais de duas semanas das eleições legislativas antecipadas, a Espanha viveu ontem a primeira greve geral em 14 anos, com grandes manifestações em Madri e nas principais cidades. Na capital, cerca de 120 mil pessoas se manifestaram contra a crise da habitação e a perda de poder aquisitivo dos trabalhadores. O protesto teve origem na morte de uma idosa que tinha sido despejada, o que motivou o primeiro-ministro Pedro Sánchez, socialista, a baixar um decreto congelando os despejos. Com a rejeição do decreto pela maioria parlamentar de direita, Sánchez dissolveu o parlamento, em meio a uma onda de protestos em massa nas ruas.

A mobilização, segundo os sindicatos teve adesão "muito importante", mas as organizações patronais qualificaram de "escassa". Milhares de pessoas foram às ruas em Barcelona, segunda maior cidade espanhola. Lá, María Piñana, microbiologista de 34 anos, exibia um cartaz adornado com pedaços de gesso que dizia, em catalão: "O teto (salarial) está caindo por 1.387,2 euros". "Fizemos greve e viemos à manifestação porque não concordamos com os preços da habitação em Barcelona", explicou.

Para Jesús Pallarol, aposentado de 71 anos, o problema da habitação persistirá independentemente de quem vença as eleições de 29 de novembro. Ainda que "o atual governo progressista se mantenha ou que venha o PP (Partido Popular, de direita), a questão da habitação continuará aí", afirmou. "É como um elefante: não vão conseguir escondê-la".

Em Madri, Cristina Gorroño, de 34 anos, funcionária de uma empresa telefônica, também denunciou o alto custo dos aluguéis. "Os preços na Espanha subiram de forma incrível, e não conseguimos arcar com eles com os salários que temos", lamentou. Ela participou, debaixo de chuva, de uma manifestação ao meio-dia em frente à Prefeitura da capital espanhola, na Praça de Cibeles. "Não temos contratos de aluguel que nos deem estabilidade", acrescentou Isabel Iglesias, enfermeira de 27 anos que instava a "fazer alguma coisa com os preços, porque não dá para continuar assim".

> **Fizemos greve e viemos à manifestação porque não concordamos com os preços da habitação"**
>
> ***María Piñana,*** *moradora de Barcelona*

"Fracasso"

A greve começou pela manhã, com bloqueios de estradas em diferentes pontos do país, e provocou transtornos no transporte público e cancelamentos de voos, especialmente em Barcelona. "A adesão é importante, muito alta em alguns territórios, um pouco mais baixa em outros, muito importante na indústria, nos setores estratégicos", avaliou Unai Sordo, secretário-geral das Comissões Operárias, maior central sindical espanhola.

Para a CEOE, principal organização patronal do país, a paralisação foi "um fracasso". "Com as informações disponíveis no meio da tarde, podemos falar de uma greve de mínimos históricos em nível setorial e territorial", assinala um comunicado conjunto com a Confederação Espanhola da Pequena e Média Empresa (CEPYME). "Definitivamente, podemos falar de um fracasso", diz o texto.

Onda de protestos

Os principais sindicatos convocaram a greve no rastro dos protestos pelo acesso à habitação, iniciados em setembro. O estopim foi o despejo forçado de Maricarmen Abascal, aposentada madrilena de 87 anos, que faleceu poucos dias depois de ser retirada do apartamento onde tinha morado por 70 anos. As reivindicações "são contra todos os governos, contra o patronato e contra os rentistas", declarou Alicia del Rio, porta-voz do Sindicato de Inquilinos, associação-chave por trás da mobilização e de ações como o acampamento que ocupou durante cinco semanas a Porta do Sol, em Madri.

A greve geral foi muito criticada pela direita e pela extrema-direita. A greve é "tudo, menos geral", avaliou Elías Bendodo, vice-secretário de Política Autônoma do Partido Popular, que já anunciou que revogará os decretos sobre habitação, se chegar ao poder. Apesar da recusa do parlamento a validar seu decreto sobre os despejos, o governo socialista tentará aprovar hoje parte das medidas previstas no órgão que exerce temporariamente as funções do parlamento dissolvido.

Alarme falso de bombas em escolas

Estudantes foram retirados ontem de várias escolas, na Itália, em resposta a falsas ameaças de bomba, em uma nova onda de alertas na Europa, que também atingiu o Reino Unido e a Irlanda. A primeira-ministra Giorgia Meloni, de extrema-direita, descartou que isso represente um "perigo concreto", e convocou os chefes de segurança e inteligência.

Cerca de 6 mil estabelecimentos receberam advertências, informou a agência de notícias italiana Ansa, citando o Ministério da Educação. Alertas de bomba também foram registrados em escolas do Reino Unido e da Irlanda e, segundo informações da imprensa, provocaram a retirada dos alunos em algumas instituições, na Escócia.

"O diretor saiu para o pátio e nos disse que havia chegado um e-mail com uma ameaça de bomba. Logo depois, o prédio foi evacuado", disse à agência de notícias France-Presse (AFP) Sofía De Ponte, estudante de 19 anos do colégio Virgilio, em Roma. O ministro da Educação, Giuseppe Valditara, pediu à população que evite o pânico.

Ameaça por e-mail

Segundo a imprensa italiana, a ameaça de bomba chegou por e-mail, supostamente enviado por um "Mikhail Andropov, líder do Vilayat do Misoginistão". "Acabo de deixar em seu prédio, dentro de uma sacola plástica, um potente explosivo com detonação remota", dizia a mensagem.

O governo italiano minimizou a gravidade das ameaças. "Por enquanto, de acordo com as verificações realizadas, não há nenhum indício que sugira a existência de um perigo concreto", declarou a primeira-ministra, em publicação no Facebook. Os alertas de bomba parecem "relacionados a uma estratégia destinada a gerar alarme e preocupação", afirmou Meloni.

VISITA PAPAL

Apoteose na "segunda pátria"

Leão XIV desembarcou na tarde de ontem na base aérea de Callao, em Lima, e percorreu o centro histórico da capital do Peru, na última escala da viagem de 12 dias pela América do Sul, iniciada no Uruguai, com sequência na Argentina. Uma multidão esperava pelo papa em sua "segunda pátria", onde viveu por 20 anos, foi feito cardeal e adquiriu cidadania. Antes de partir de Buenos Aires, o pontífice celebrou para 3 milhões de fiéis a maior missa em um ano e meio de pontificado, na cidade argentina de Luján, 75km a oeste da capital.

Os fiéis se reuniram em torno da Basílica de Luján, alguns apoiados em grades, cercas, árvores e postes de luz para ver o pontífice. "Obrigado, Leão, pela sua bênção", cantavam. Em sua homilia, o papa pediu acolhida aos mais vulneráveis. "Há lugar para todos, especialmente para os mais necessitados: os pobres e os famintos, os migrantes, os doentes e os presos", disse.

"Argentina, levanta-te e anda", exortou, vestido com uma casula branca e azul que identifica a Virgem de Luján, padroeira da Argentina, cujas cores são as mesmas da bandeira do país. "Minha lembrança se dirige de maneira especial ao nosso querido papa Francisco, que sempre levou a 'Patroncita morena' em seu coração", disse. "Obrigado, Argentina, por me receber de braços abertos", gritou Leão XIV em sua despedida.

Os argentinos lamentam que o antecessor de Leão XIV jamais tenha voltado à Argentina depois de ter sido eleito papa, em 2013. Para alguns, porém, a visita do pontífice americano e peruano veio curar essa ferida. "É um momento muito importante para nós, porque tivemos um papa argentino e ele não pôde vir, e isso me doeu", disse Estela Adorno, 76 anos. "Este papa está dando muita atenção a nós."

Encerrado o evento, por volta do meio-dia, os fiéis se retiraram sob o sol forte, muitos com bandeiras argentinas e do Vaticano. "Foi uma experiência única, inesquecível. A visita do papa deixa uma emoção muito grande, e sinto que isso vai ser uma mudança para o nosso país", disse à agência de notícias France-Presse (AFP) Daiana Rivero, de 36 anos. Antes de chegar a Luján, o pontífice visitou a prisão de Devoto, em Buenos Aires, onde incitou um grupo de 75 detentos e alguns familiares a "reiniciar suas vidas".

Cultura argentina

O papa, de 71 anos, visita a América do Sul menos de um mês depois de se submeter a uma cirurgia para extirpar um câncer de pulmão. Todos os eventos na Argentina reuniram grandes públicos, em um país onde estudos mostram uma queda contínua no número de fiéis da Igreja Católica, nas últimas décadas.

A missa de Luján superou a de segunda-feira, quando 2,5 milhões de pessoas haviam se reunido para sua primeira celebração ao ar livre, na capital. Na terça-feira, 650 mil fiéis participaram, pela manhã, de uma missa em Córdoba, no centro do país, e, à noite, uma vigília em Buenos Aires reuniu mais de um milhão de jovens.

Martin Bernetti/AFP



"O papa volta para casa", diz o cartaz exibido por um fiel em Lima, à espera da chegada de Leão XIV

"Sociologicamente, não creio que haja mais católicos porque o papa veio à Argentina", disse à AFP Nicolás Viotti, pesquisador do Conicet especializado em religião. "As marchas, as procissões têm a ver com a cultura argentina de ocupar o espaço público. E o catolicismo não é diferente disso, ou talvez o catolicismo seja um pouco a razão de isso acontecer", acrescentou.

Em seus discursos, Leão XIV desafiou as políticas do presidente ultraliberal Javier Milei e defendeu uma economia inclusiva, o apoio aos sindicatos e o fim dos cortes de verbas para programas sociais.